



ISSN: 2595-5713

Vol. 2 | N°. 4 | Ano 2019

# EDITORIAL - CADERNOS DE ÁFRICA CONTEMPORÂNEA

---

## COMITÊ EDITORIAL EXECUTIVO

**Alexandre António Timbane**  
**Ercílio Neves Brandão Langa**  
**Alyxandra Gomes Nunes**  
**Bas'Ílele Malomalo**  
**Ivaldo Marciano de F. Lima**  
**Jacimara Vieira dos Santos**  
**Marcos Carvalho Lopes**

### Site/Contato

#### Editores

Ivaldo Marciano de França Lima  
[ivaldomarciano@gmail.com](mailto:ivaldomarciano@gmail.com)

Alexandre António Timbane  
[alexandre.timbane@unilab.edu.br](mailto:alexandre.timbane@unilab.edu.br)

## Moçambique, Angola, Guiné-Bissau e Camarões: pílulas de informações específicas

Como já mencionamos em outros editoriais, cada vez que periódicos análogos a este são publicados, com artigos resultantes de pesquisas balizadas na boa e velha ciência, com ensaios científicos ou interrogações sobre fenômenos diversos, certamente as mentes lúcidas e sensatas ganham motivos para esboçarem sorrisos. Sim, sorrir pelo que antes era óbvio, trivial, hoje tem se tornado motivo de congratulações diversas. A Revista “Cadernos de África Contemporânea” apresenta o seu quarto número, trazendo excelentes trabalhos sobre questões ligadas aos países que estão do outro lado do Atlântico, e nos dando mais um motivo para acreditar que a História da África e os Estudos Africanos constituem caminho sem volta no Brasil. E sobre isto devemos sim festejar, pois este é mais um número de uma revista que se propõe a apresentar artigos de uma dada especialidade. Este foi, por sinal, o comentário elogioso de um dos profícuos colegas do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Dr. Ricardo Pacheco. Sua referência elogiosa aludia ao fato de que a “Cadernos de África Contemporânea” reforça um caminho para a construção de periódicos científicos temáticos, no caso, dotados de recortes que ensejam as pesquisas em determinadas áreas. A pequena tradição brasileira (na área das Humanidades) em periódicos científicos temáticos tem sido confrontada por experiências que têm se consolidado a duras penas, a exemplo da “Cadernos de África Contemporânea”, que pretende se tornar uma referência, em nosso país, para aqueles que desejam buscar especificamente artigos sobre a História da África ou os Estudos Africanos. Esta é a vereda que pretendemos continuar percorrendo!

Não podemos deixar de mencionar que só é possível celebrar mais este número da “Cadernos da África Contemporânea” por conta da ação e contribuição de docentes como o Professor Doutor Alexandre António Timbane (UNILAB) e a Professora Doutora Alyxandra Nunes (UNEB). Estes docentes em particular, têm desempenhado um papel preponderante na manutenção desta egrégia Revista, e isto também se reflete nas articulações desempenhadas pelos integrantes do **Grupo de Pesquisa África do Século XX**, que além de manter as pesquisas sobre o continente africano nas universidades já referidas (UNILAB e UNEB), reúnem esforços para ofertar cursos, difundindo conhecimento sobre as práticas, costumes e hábitos dos povos do continente africano. Este mesmo grupo vem enfrentando obstáculos de toda ordem, mas espera-se que sejam premiados com outras conquistas, pois desta forma terão motivos para sorrir não apenas os homens e mulheres dotados de bom senso e lucidez, mas também os desejosos em ter acesso às pesquisas tecidas por pesquisadores brilhantes como os que integram o referido Grupo de Pesquisa. Os êxitos de grupos como este também se constituem em ganhos para a sociedade

brasileira, ultimamente sofrendo com as tempestades das chuvas ácidas da intolerância e insensatez. Esperamos todos e todas que estes tempos passem.

Este número da “Cadernos de África Contemporânea” traz excelentes artigos, inéditos e que prendem o leitor da primeira até a última linha, do primeiro até o último artigo pelo conteúdo, pela forma. O maior mérito deste número da “Cadernos de África Contemporânea” é a sequência de conteúdos e temáticas nele discutidos, assim como a atualidade das pesquisas, esperando-se que o leitor e a leitora os leiam com muito prazer!! O primeiro e excelente artigo, intitulado **Mito e Crioulização: o Caso da Expansão Islâmica Entre os Soninquês**, de autoria de Rodrigo Castro Rezende, traz consigo uma excelente discussão de aspectos relacionados com a história dos povos do Norte da África, tomando seus mitos como principal fonte. Aqui temos um jovem historiador mineiro tecendo os fios do passado dos soninquês e árabes, tal qual o anjo da História de Paul Klee, recolhendo os vestígios do que se passou, refazendo às dinâmicas cotidianas de homens e mulheres que construíram mitos, lendas e epopeias sobre seus heróis, heroínas, além de estabelecerem processos atinentes aos gêneros (masculino e feminino), sob a invenção de griôs e seus alaúdes, e das cidades “que aparecem e desaparecem” ao sabor dos ventos, a exemplo de Uagadugu. O artigo de Rodrigo Castro Resende é instigante, dotado de rara leveza, e tributário do alargamento da compreensão da ideia de fontes, objetos e métodos no campo da História. Rodrigo certamente é mais uma herança advinda dos profícuos trabalhos de Cheik Anta Diop, Joseph Ki-Zerbo, Boubakar Barry e Theophile Obengá, (dentre outros) verdadeiros historiadores responsáveis pela revolução epistêmica ocorrida no seio dos historiadores.

Ainda com sede de leitura, com texto muito bem construído e fundamentado, Martinho Pedro, em artigo intitulado **Moçambique: de colonização periférica à estruturação de dinâmicas voláteis e permissivas na contemporaneidade** nos traz excelente texto sobre Moçambique, país localizado na costa do Oceano Índico, e articulado aos processos das rotas de comércio a longa distância, e que foram incrementados pelos árabes desde sua chegada ao continente africano no final do século VII. Em artigo com escrita daquelas de deixar qualquer historiador com inveja (por não ter sido ele ou ela a ter escrito), Martinho Pedro explica como é o Moçambique contemporâneo, com seus processos inconclusos de uma identidade moçambicana universal. O leitor verá como um historiador de ofício consegue mostrar o presente a partir das suas linhas construídas no passado.

Ainda em Moçambique, mas agora nas carteiras escolares, Tomé Pedro Morais traz arrojada tese sobre o ensino de História a partir de vestígios da cultura material. Em seu artigo muito bem construído, intitulado **O Uso do meio envolvente no desenvolvimento do conhecimento histórico: uma revisão teórica**, Tomé Pedro Morais mostra a importância da

relação entre a pesquisa e o ensino, e de como isto pode se traduzir em aulas mais dinâmicas e melhor fundamentadas. Este genial moçambicano reforça seus argumentos com questões sobre as visitas dirigidas aos museus, uso de imagens ou mesmo de artefatos da cultura material como forma de melhorar o aprofundamento da compreensão da história por parte dos estudantes.

Tomando os jornais como ponto de partida, e apoiado em farta bibliografia, André Victorino Mindoso, em seu artigo intitulado **Identities diferenciadas e imaginários sociais em Moçambique: uma incursão na questão albina**, indica como natureza e cultura se encontram em questões ligadas às identidades, sejam elas atribuídas ou construídas. E a este aspecto, André Victorino Mindoso mostra como os jornais constroem narrativas sobre as causas que explicam as perseguições e violências sofridas pelos albinos em solo moçambicano. Parte das narrativas presentes nos textos jornalísticos mostra estrangeiros como responsáveis por estas violências, sendo aspectos ligados ao misticismo como os principais motivadores para tais perseguições movidas aos albinos. Eis aqui outro excelente artigo, construído sob moldes em que bibliografia especializada e análise dos jornais fazem toda a diferença.

Tentando entender os aspectos das identidades e dos contextos presentes nas narrativas dos literatos, Ana Gabriella F. da S. Nóbrega e Sebastião Marques Cardoso, no artigo intitulado **Uma Andorinha pode derrubar um império? Uma história de luta e resistência no conto “quem manda aqui”, de Paulina Chiziane** apresentam excelentes análises das imagens dos conflitos entre colonizados e colonizadores que, segundo os autores se encontram presentes no conto “Quem manda aqui”, da célebre e festejada Paulina Chiziane. Os autores, em artigo tecido sob linhas proficuas, mostram as possibilidades de entender, a partir da Literatura, os fenômenos existentes nos diferentes contextos sociais. E aqui é fundamental acender a polêmica dos que militam nesta seara, para de uma vez por todas deixar claro que Literatura e História possuem possibilidades infinitas, mas que esta relação não se resume numa empobrecedora definição de fonte, ou de ciência auxiliar de uma para a outra. A maestria de Ana Gabriella F. da S. Nóbrega e de Sebastião Marques Cardoso é típica daqueles que escrevem com a rara leveza de nos prender em frente ao texto, como se este fosse um folhetim, daqueles publicados nos jornais da segunda metade do século XIX, ou de um telespectador que aguarda ansiosamente as cenas do próximo capítulo.

Ainda em solo moçambicano, mas agora sob a análise dos meios e modos como o Estado foi construído, Bernardino Essau Bilério, em artigo intitulado **Descentralização e construção do Estado em Moçambique**, nos faz ver os conflitos, choques, interesses e discursos presentes no processo de reforma dos órgãos constitutivos do Estado moçambicano, e de como estes estão imersos em problemas de difícil resolução, decorrentes da ausência de clareza sobre o modelo de Estado que se quer construir. Para Bernardino Essau Bilério, apoiado em análise documental,

com suporte de vasta bibliografia, as intenções da descentralização em Moçambique não estão definidas sob bases isentas dos interesses das maiores forças políticas do país, no caso, FRELIMO e RENAMO. Aqui é importante indicar como o leitor tem a chance de enriquecer seus conhecimentos sobre a história moçambicana, a partir da conjugação de análises feitas a partir da Ciência Política e Sociologia. E novamente o leitor não consegue desgrudar do *tablet* (ou do celular), desejando chegar ao fim do artigo para então poder sorver alguns goles do café, chá ou água que o espera.

Com saudades de Moçambique, e atravessando o continente na direção leste – oeste, o leitor se depara com uma discussão de alto nível sobre as práticas e os costumes dos bijagós e de como estes se relacionam com os povos vizinhos nas ilhas Urok, na Guiné-Bissau. Em artigo esclarecedor, intitulado **Entre a vontade de conservar e o desejo consumista: o antropoceno nas ilhas Urok**, Rubilson Velho Delcano mostra as tensões e os conflitos presentes nas práticas de pescadores e de agricultores de caju, e de como estes se articulam nas oposições entre a preservação do meio e a sedução do consumo. Este artigo, construído sob a conjugação das análises dos nativos, na acepção das Ciências Sociais, com as balizas da documentação e da bibliografia específica, se constitui em excelente maneira para iniciar o aprendizado sobre as formas como os povos constroem suas fronteiras e ao mesmo tempo os liames que possibilitam os contatos. Mediante texto tão rico, o leitor não consegue deixar de lado a leitura, ávido por ver a forma como Rubilson Velho Delcano consegue articular as ideias, engendrar as análises, e concluir com maestria sobre aspectos “não conclusivos”, conforme afirma o autor ao final de seu belo e instigante artigo.

Saindo da Guiné-Bissau, descendo pela Costa Atlântica, o leitor e a leitora renovam os desejos pela leitura, e seguem em direção ao país das ‘palancas negras’ (Angola), com o intuito de compreender um pouco mais sobre o passado colonial deste belo país. Em artigo intitulado **O Estado Novo e a política educativa colonial destinada à população indígena (1940 – 60)**, a genial Giselda Brito Silva nos mostra partes dos aspectos que permearam a construção do império português no continente africano, e de como este tecia a educação dos colonizados. Tendo como foco o regime salazarista, Giselda Brito Silva dá as pistas dos conflitos entre católicos e protestantes, e de como estes se constituíram em parte do processo de construção e manutenção do regime, uma vez que esta educação estava voltada aos “indígenas”. O leitor e a leitora, após contemplar as linhas tecidas por Giselda Brito Silva irá entender os motivos que fazem com que as salas em que ocorrem suas aulas estejam sempre cheias de estudantes, e de ouvintes que desejam aprender com esta profícua intelectual.

Saindo de Angola, atravessando o Atlântico, mas deixando a cabeça no país das ‘palancas negras’, Aline Lima Santos, Dirce Trevisi Prado Novaes e Maria de Fátima Guedes Chaves,

discutem sobre as escolhas de mulheres angolanas que optam por ter filhos no Brasil, no artigo intitulado **Angolanas no Brasil e a maternidade: “É melhor deixar filhos do que riqueza**. A partir da análise dos discursos das imigrantes, as autoras mostram as razões que justificam a vinda destas mulheres ao Brasil, seja sob a busca do tratamento de reprodução assistida, ou na procura de um sistema público de saúde melhor e gratuito. As autoras, balizadas em argumentos refinados, indicam que o Brasil, a despeito de todos os problemas, ainda possui um sistema de saúde público e de boa qualidade, o que explica a escolha destas mulheres em vir ao país em busca de atendimento especializado.

Saindo do Brasil, retornando para o continente africano, o leitor e a leitora seguem direto para os Camarões, com direito a algumas incursões na República Centro Africana. Em artigo de excelente qualidade e profundidade, Eric Wilson Fofack, em artigo intitulado **A implicação de Camarões no retorno da paz na República Centro Africana de 2012 a 2016**, discute sobre o processo de paz no país outrora governado por Bokassa, e de como Camarões, mesmo eivado de problemas diversos, possui o capital simbólico que lhe permite interferir e auxiliar nos países vizinhos. Aqui é fundamental perceber como as relações entre História e Geografia se imiscuem, desdobrando-se na análise dos processos de paz patrocinados pelos organismos internacionais. Eric Wilson Fofack consegue indicar, em texto dinâmico, como Camarões intervém no processo de paz do conturbado vizinho, indicando ser importante mostrar as pluralidades dispostas em diferentes países da chamada África central.

E após a maratona de artigos tão bem construídos, dispostos sob magistras combinações de análise documental e entrevistas, apoiados em revisões bibliográficas poderosas, o leitor e a leitora são convidados a se deliciar com a água, chá ou café enquanto leem os artigos tal qual aqueles que ‘maratonam’ séries na *Netflix* ou seus assemelhados. Aos que chegaram até esta linha, desejamos bons frutos e inspirações a partir dos artigos dispostos neste número da “Cadernos de África Contemporânea”. Votos de boa leitura, este é o desejo dos que fazem a Revista “Cadernos de África Contemporânea”!

**Ivaldo Marciano de França Lima.**